

DISCURSO, CULTURA E NEGRITUDE

SÉRIE DISCURSO E CULTURA
VOLUME 4

Blucher



DISCURSO
CULTURA

DISCURSO, CULTURA E NEGRITUDE

SÉRIE DISCURSO E CULTURA
VOLUME 4

Jarbas Vargas Nascimento
Organizador

Discurso, cultura e negritude - Série Discurso e cultura - volume 4

© 2021 Jarbas Vargas Nascimento (*organizador*)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Comissão Científica

Prof. Dr. André Lopes

Prof. Dr. Anderson Ferreira

Profa. Dra. Izilda Maria Nardocci

Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento

Profa. Dra. Lorena Maria Nobre Tomás

Prof. Dr. Márcio Rogério de Oliveira Cano

Profa. Dra. Micheline Mattedi Tomazi

Prof. Dr. Ramon Chaves

Prof. Dr. Ricardo Celestino

Profa. Dra. Rosângela Carreira

Prof. Me. Carlos Alberto Baptista

Prof. Me. Cândido Ferreira de Souza Júnior

Prof. Me. Jonatas Eliakim

Prof. Me. Rafael Cossetti

Imagem da capa: Celestino Neto (cnetogravuras@gmail.com)

Blucher

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Discurso, cultura e negritude : Série discurso e cultura, volume 4 / Jarbas Vargas Nascimento (org.). -- São Paulo : Blucher, 2021.

234 p.

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

Bibliografia

ISBN 978-65-5550-144-5 (e-book)

ISBN 978-65-5550-143-8 (impresso)

1. Análise do discurso 2. Comunicação e cultura I. Nascimento, Jarbas Vargas.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

CDD 401.41

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Índice para catálogo sistemático:

1. Análise do discurso

Conteúdo

Apresentação	7
Jarbas Vargas Nascimento	
Quando dizer é agir: racismo no poder das palavras	13
Jarbas Vargas Nascimento	
Traços do discurso racista	33
Anderson Ferreira	
Izilda Maria Nardocci	
O discurso racista na internet: uma análise dos comentários	61
Luciana Soares da Silva	
Márcio Rogério de Oliveira Cano	
Negritude(s) e identidade(s) na hipermídia: a ubiquidade do Ser e da palavra Negro na contemporaneidade	83
André Freitas Miranda	

A submissão da mulher negra e a violência doméstica: uma leitura discursiva do conto <i>Aramides</i> <i>Florença</i> , de Conceição Evaristo	115
Mara Rubia N. Costa Fanti	
Salve geral: cenografia e <i>ethos</i> discursivo de um manifesto afrofuturista	141
Helena Lucas Rodrigues de Oliveira	
<i>Quarto de despejo</i> , de Carolina Maria de Jesus, e a interseccionalidade: um discurso extemporâneo?	173
Eli Gomes Castanho Fabrícia Carla Viviani	
Reviravolta negra: uma breve análise do discurso literário “O filho de Luísa”, de Joel Rufino dos Santos	201
Jonatas Eliakim	
Sobre as autoras e os autores	231

APRESENTAÇÃO

Discurso, cultura e negritude está organizado em oito capítulos. Trata-se da edição de um projeto mais amplo, que apresenta o resultado de pesquisas realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa, sob a liderança do Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da PUC-SP e que, para esse volume, convida, também, pesquisadores e pesquisadoras de outros centros de pesquisa para refletirem acerca das questões discursivas e histórico-culturais ligadas à negritude.

Neste volume, ancorados na Linguística, particularmente, na Análise do Discurso de linha francesa e nos Estudos Culturais, os autores e autoras se propõem a refletir sobre diferentes temáticas que apontam a questão do negro na sociedade brasileira, por meio de investigações, com base em aspectos linguísticos, culturais, literários. Em tempos de consciência e de debates sobre a negritude, de seus desafios, dilemas e desejos de valorização de uma identidade apagada, esse livro quer dar visibilidade a temas que envolvem negros e negras do/no Brasil e apresentar reflexões, entre outras motivações, que abordem, na esfera acadêmica, ainda que de maneira sucinta, a urgência da valorização cultural negra. Essa é uma atitude que não pode ser menosprezada.

No primeiro capítulo, Jarbas Vargas Nascimento, em *Quando dizer é agir: racismo no poder das palavras*, examina como a palavra, nas interações sociais, está relacionada ao domínio sobre o outro e pode sobrepor ao negro uma condição de inferioridade em relação ao branco, no contexto sócio-histórico-cultural da sociedade brasileira. As palavras são carregadas de posicionamentos e podem desvendar comportamentos de dominação, de hierarquização, de discriminação e racismo, que facilitam sua naturalização.

No segundo capítulo, *Traços do discurso racista*, Anderson Ferreira e Izilda Maria Nardocci discutem a noção de traço discursivo e examinam a impregnação desses traços em documentos de cultura-barbárie, a exemplo da “escritura de compra e venda de escravos”. Para os autores, os traços do discurso racista, que hoje se combatem no campo de políticas afirmativas para negros já estavam lá no século XIX e apresentam-se como enunciações que já foram ditas alhures e que, por razões diversas, são conservadas e reutilizadas nas práticas discursivas do cotidiano.

Luciana Soares da Silva e Márcio Rogério de Oliveira Cano, em *O discurso racista na internet: uma análise dos comentários*, examinam comentários publicados em sites jornalísticos mediante a publicação de uma notícia. Os autores partem da hipótese de que os responsáveis pelos comentários, a partir de uma aparente proteção da internet, revelam discursivamente preconceitos raciais, de gênero, de sexualidade, entre outros. Para eles, enfim, o discurso racista constitui-se com base no Mito da Democracia Racial, apreendido pela percepção do silenciamento e da negação de questões raciais e do racismo.

No quarto capítulo, *Negritude(s) e identidade(s) na hipermídia: a ubiquidade do Ser e da palavra Negro na contemporaneidade*, André Freitas Miranda discute a ubiquidade do Ser e de ser negro

e sua característica própria de ser e estar em todo e qualquer lugar/espço social. Fundamenta sua discussão na necessidade de se pensar em como os discursos estereotipantes têm influenciado a construção e desconstrução das identidades do preto e, como tais discursos têm reproduzido negativamente uma imagem única de um representante universal do povo negro brasileiro.

No capítulo seguinte, Mara Rúbia N. Fanti, em *A submissão da mulher negra e a violência doméstica: uma leitura discursiva do conto "Aramides Florença", de Conceição Evaristo*, empreende estudo no campo do discurso literário para mostrar as relações de poder no matrimônio, a submissão/apagamento da mulher negra, a violência sexual e a dominação masculina sobre o corpo feminino, considerando as imposições histórico-culturais, tais como o machismo, o lugar de fala da mulher negra e o investimento na língua literária.

No sexto capítulo, Helena Lucas Rodrigues de Oliveira, em *Salve geral: cenografia e ethos discursivo de um manifesto afrofuturista*, analisa a canção "Salve Geral", da banda paulistana Aláfia, partindo da hipótese de esse discurso se equipara aos princípios do Afrofuturismo, movimento pluricultural artístico, cujo intuito é ressignificar lacunas sociais, econômicas, psicológicas e intelectuais frente à desordem da organização de ideias eurocêntricas, vislumbrando possibilidades de imaginar futuros possíveis sob a lente cultural negra. Para a autora, *Salve geral* revela uma cenografia de manifesto afrofuturista, que resgata mazelas sofridas, reforça episódios de resistências e adota um tom didático, ao expressar condutas que o negro deve adotar para a conquista de emancipação política de modo que se valorize e respeite a cultura ancestral de matriz africana.

Eli Gomes Castanho e Fabrícia Carla Viviani, em *Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus e a interseccionalidade: um discurso extemporâneo?*, questionam, na condição de leitores contemporâneos, a leitura que fizeram da obra de Carolina, datada dos anos 1950. Nela, a autora, moradora da extinta favela do Canindé, a primeira de São Paulo, registra em seu diário o sofrível cotidiano de catadora de papel. Para os autores, o discurso de Carolina dialoga com o que hoje tem se atribuído a uma abordagem interseccional do feminismo negro, pois sendo ela negra e favelada revela uma intersecção entre gênero, raça e classe. A negritude, embora não esteja contida no título, é percebida logo nas primeiras linhas da obra, pelas ilustrações e pelas fotos que remetem à narradora negra.

Por fim, com *Reviravolta negra: uma breve análise do discurso literário "O filho de Luísa", de Joel Rufino dos Santos*, Jonatas Eliakim encerra esse volume refletindo como a resistência da população negra, pela criação literária, torna-se uma busca pela identidade de sujeito, pois apenas os sujeitos podem definir suas realidades, estabelecer sua identidade, e nomear sua história. Do contrário, a realidade do negro seria/é definida por outros, sua identidade, apagada e sua história escrita por aqueles que não a viveram. Para Eliakim, o discurso literário analisado veicula identidades construídas na e pela enunciação, de modo a ser um poderoso discurso na nossa sociedade para o ato de resistência e de decolonização que buscam os sujeitos negros.

Resta-nos agradecer a colaboração dos autores e autoras, que publicaram suas pesquisas, nesse volume, que relaciona discurso, cultura e negritude. Embora cada capítulo apresente aspectos específicos, todos se fundam na linguagem e na discursividade enquanto permeadas de práticas sociais, que envolvem a condição do negro e de valorização de sua cultura. As reflexões apresentadas,

nesse livro, somente serão produtivas, se produzirem mudanças em cada um de nós e, conseqüentemente, na sociedade. Nossa sociedade alcançará o status de democracia, quando não houver desigualdade, preconceito, opressão e racismo.

Jarbas Vargas Nascimento

